

Sepultado o cacique Ângelo Cretã

ADÉLIA MARIA LOPES
Enviada especial

Sem qualquer incidente, mas com um forte policiamento, foi sepultado ontem, às 18 horas, na Reserva Indígena de Mangueirinha, a 400 quilômetros de Curitiba, o cacique Kaingangue Ângelo Cretã, de 30 anos. Ele morreu na tarde de terça-feira, 8 dias após sofrer um acidente automobilístico, cujas causas estão sendo investigadas pela polícia, devido à suspeita de um atentado.

Centenas de pessoas — a maioria branca — assistiram ao funeral, destacando-se a presença de representantes da Igreja, da Funai e do governo do Estado do Paraná, políticos e caciques de todas as tribos do Sul. Sobre o caixão, foram colocadas a Bandeira Nacional e a do Paraná. Não houve nenhum ritual kaingangue. Calados, os índios apenas assistiram a missa e ouviram os discursos e as promessas. E o índio Norberto Paraguai prometeu que eles

Ministério desmente a exoneração

Da sucursal de BRASÍLIA

A notícia de que o presidente da Funai, coronel João Nobre da Veiga, estaria demissionário, foi desmentida ontem pelo chefe de gabinete do ministro do Interior. Apesar de estar enfrentando repetidas crises desde que assumiu o cargo — dentre elas a morte dos caciques Kaingag e Pankararé —, Nobre da Veiga afirmou que está animado para resolver os problemas da Funai que, segundo ele, "não são recentes e afloram, hoje, somente porque a possibilidade de divulgá-los foi ampliada pela abertura política".

reaverão as terras "nem que outros índios tenham que morrer".

Dezenas de soldados da Polícia Militar, armados até de metralhadoras, revistaram desde a noite de anteontem todos os carros que trafegavam pelo Posto da Funai de Mangueirinha, para evitar maiores conflitos. Algumas armas foram apreendidas e, ontem, o comandante da Polícia Militar de Pato Branco, coronel Ramalho Aires Filho, dirigiu pessoalmente os trabalhos dos policiais. O único incidente registrado ocorreu na noite de terça-feira, quando uma mulher, identificada pelos índios como membro da família Pompeu (envolvida no acidente que acabou provocando a morte do cacique), compareceu ao velório, e foi expulsa da casa pelos índios.

Antes do sepultamento, o bispo de Palma, d. Agostinho Sartori, e mais cinco padres das paróquias vizinhas da reserva, celebraram uma missa de corpo presente ao ar livre, que durou aproximadamente duas horas.

Na ocasião, os padres lembraram a luta desenvolvida pelo cacique Ângelo Cretã, em defesa da causa indígena.

O padre Natalcio Weschenselder, representante do Cimi, no Sul, durante o sermão, batizou a área em litígio com o nome de Parque Indígena Florestal Ângelo Cretã. Isto porque o cacique havia prometido que, se os índios ganhassem a área de 3.707 alqueires, onde existem cerca de 120 mil pinheiros, as árvores seriam preservadas.

O presidente do Instituto de Terras e Cartografias do Paraná, Joaquim Severino, representando o governador Ney Braga, nos funerais, garantiu que em março as demarcações de divisas das áreas indígenas serão reavivadas e vigiadas para evitar a entrada de colonos. Mas, sobre a área em litígio, disse apenas que "tanto o governo como a Funai acatarão a decisão da Justiça".

Ângelo Cretã morreu no momento em que liderava uma

campanha, não só entre os índios, para conservar o patrimônio indígena, como também reconquistar as áreas perdidas. Embora o novo chefe só seja escolhido após a missa de sétimo dia, todos os prováveis candidatos defendem a continuação dos ideais de Cretã.

ESCOLHA

Norberto Luiz, de 46 anos, que pode ser indicado para cacique, disse ontem que, devido à emoção, não poderia explicar como deve prosseguir a luta. Jovenal Teles dos Santos, 28 anos, outro líder, afirmou que depende do novo chefe a continuidade dos ideais do cacique morto: "Mas o que ele deixou programado iremos fazer". Um dos programas seria o de recuperar os 3.707 alqueires, seja qual for a decisão da Justiça.

Possivelmente amanhã, a Funai reunirá as lideranças indígenas para convocar a eleição. O delegado José Carlos Alves, responsável pela Funai no

Sul, já adiantou que não tem nenhuma restrição aos nomes cogitados.

A Funai, no Sul, contudo, está mais preocupada com o rumo das investigações sobre o possível atentado que não foi consumado contra o cacique, devido ao acidente automobilístico. Afinal, oito dias após o fato, a Delegacia de Chopinzinho, responsável pela investigação, ainda não apontou os culpados. Os três homens, que ocupavam um Volkswagen, abandonado na pista e que provocou o acidente, apresentaram ao delegado uma versão sobre a qual o comandante da Polícia Militar de Pato Branco, coronel Ramalho Aires Filho, foi categórico: "Não acredito nesta história". Os suspeitos disseram que estavam sendo perseguidos por Cretã, que, aliás, estava em companhia de três soldados. E, ontem, o advogado deles, Nelson Sguarezi, abandonou a causa de seus clientes, "por questões políticas".

Centro Eclumênico de Docu

Funai confirma o acidente - CEI

Da sucursal de BRASÍLIA

A Fundação Nacional do Índio distribuiu ontem à tarde uma nota oficial, esclarecendo que a morte do cacique kaingangue Ângelo Cretã "foi decorrência de um acidente de trânsito". No entanto, à noite, o presidente da Funai, coronel João Carlos Nobre da Veiga, em contradição à nota, afirmou: "Até que haja prova concreta, acredito que há intencionalidade por parte de pessoas interessadas em eliminar esses índios", referindo-se à morte do cacique kaingangue.

Na nota oficial, o presidente da Funai, Nobre da Veiga, explicou a versão de "acidente de trânsito"

para a morte de Cretã, dizendo que "as informações esparças não podem ser levadas em consideração. O que nos são válidos são os laudos periciais da Polícia Militar". A nota esclarece ainda que o Posto Indígena de Mangueirinha estava sob a proteção da polícia, quando ocorreu a morte de Ângelo Cretã, "solicitada em virtude do clima de tensão existente na área".

ACIDENTE

Nobre da Veiga afirmou que os laudos da polícia indicam o acidente de trânsito, já que a jamanta colidiu com o carro do líder indígena por ter desviado do carro que estava parado na pista. Do Volks que estava parado, fugiram quatro homens: Ro-

saldo da Silva, José da Silva, Antônio da Silva e Francisco Pompeu da Silva; que se entregaram à polícia em Chopinzinho, fato que o presidente desconhecia. Esses homens vinham ameaçando o cacique de morte há mais de um mês. Ângelo Cretã foi socorrido pelo motorista da jamanta, placa OV-3054, de São Bernardo do Campo, dirigida por Antônio de Souza Lima. Os fatos esparsos a que se refere Nobre da Veiga são os de que os quatro homens estavam parados há horas na pista e que ameaçavam Cretã de morte.

O presidente da Funai afirmou que a polícia está empenhada em esclarecer os fatos que culminaram

na morte do líder indígena, apesar de não ter desvendado ainda a morte, também em circunstâncias violentas, do líder pankararé, ocorrida há um mês, no Norte da Bahia. Nobre da Veiga diz que ainda não se chegou a um esclarecimento definitivo da morte do líder pankararé "porque os inqueritos policiais são sempre demorados".

Nobre da Veiga refutou que a Funai "não tomará nenhuma medida para assegurar a paz no Paraná como foi veiculado ontem pela imprensa, "porque o organismo fez tudo", o que estava ao seu alcance, o que não se pode fazer, continuou, é ressuscitar Ângelo Cretã".